

Psicologização das religiões: religiosidade e estilo de vida

*Deis Siqueira**

Resumo. A pesquisa “Sociologia das Adesões: práticas místicas e esotéricas no Distrito Federal”, que está sendo desenvolvida no Departamento de Sociologia da UnB, vem confirmando o que Berger já anunciara no final da década de 60: a psicologização da religião. Esta reflexão é desenvolvida no texto a partir de várias fontes de dados coletados em torno das novas religiosidades ou novos movimentos religiosos (NMR). Estes centralizam, cada vez mais, a busca de auto-conhecimento, auto-desenvolvimento ou auto-aperfeiçoamento, já que se baseiam no princípio de que o divino se encontra sobretudo em cada pessoa. Esta busca se insere, por sua vez, na construção de um novo estilo de vida, o que vem implicando o aumento do consumo de uma grande diversidade de práticas alternativas ou não convencionais.

Palavras-chave: misticismo, esoterismo, novos movimentos religiosos, novas religiosidades, Brasília.

AS NOVAS RELIGIOSIDADES

A expansão das novas religiosidades, ao menos as que aqui estão referidas como grupos místico-religiosos, delineia um quadro que se move em torno do auto-aperfeiçoamento, auto-realização e auto-deificação, em constante experimentação, que incorpora caminhos próprios e individuais tanto para a dimensão espiritual quanto para a psíquica, a corporal, a intuitiva, tratando de caracterizar-se como uma busca holística. Imbricamento de terapêutica e de espiritualidade, onde a verdade última é construída e orquestrada pelo próprio sujeito, ‘experimentador’ por excelência. Assiste-se a uma pluralização da fé,

* Deis Siqueira é professora Adjunto IV do Departamento de Sociologia da UnB, coordenadora da pesquisa “Sociologia das Adesões e práticas místico-esotéricas no Distrito Federal”, desenvolvida com apoio do CNPq.

ou como denomina Pace (1997), a uma ‘liberalização religiosa’. Podemos falar em relativismo ou poliformismo religioso.¹

As novas religiosidades são caracterizadas pelo trânsito dos adeptos, dos valores, dos símbolos, dos rituais, entre as diferentes religiões e religiosidades; mais pela adesão do que pela conversão e membresia e pela proximidade com as práticas alternativas.

Encontram-se na literatura sociológica, dentre outras, expressões como ‘campo religioso ampliado’ (Mallimaci; 1997); ‘religião difusa’ (Parker; 1997); ‘religiosidade’ ou ‘identidade religiosa flexível-flutuante’ (Hervieu-Léger; 1993); ‘espaço religioso novo’ ou ‘novas formas do sagrado na sociedade atual’ e ‘nova sensibilidade místico-esotérica’, ‘sacralidade não religiosa’ e ‘sacralização das relações individuais de transcendência’, ‘nova religiosidade sincrética’, ‘esotérica-holista da New Age’, ‘Novos Movimentos Religiosos’ ou ‘novas formas da religião’ (Mardones; 1994); ‘nebulosa místico-esotérica’ e ‘crédulos difusos’ (Champion; 1990); ‘nebulosa heterodoxa’ (Maitre; 1988); ‘religiões seculares’ (Piette; 1993); ‘religiosidade secularizada’ (Eliade; 1985); ‘religiosidade inorgânica’ (Hugarte; 1997: 211); ‘nebulosa polivalente da Nova Era’; ‘diversidade de identidades’, ‘diversidade nas formas de adesão’ (Sanchis; 1997: 111 e 148).

A expansão das novas religiosidades não é um fenômeno típico do Brasil. O ‘despertar religioso’ dos anos oitenta ocorreu desde o Japão passando pela Europa. Instalou-se com força na Itália, um dos lugares onde elas mais crescem. Entretanto, no Brasil, apresenta particularidades. O fenômeno não é recente. Assim, por exemplo, Sanchis (1997) refere-se à persistência de um sincretismo, ainda que modernizado. Velho (1997) também indica transformações sincréticas ocultas entre tradições, que no país teriam encontrado condições férteis para se desenvolver.²

No Seminário *Globalização e Religião*, realizado em Porto Alegre, em novembro de 1996, concluiu-se que o movimento seria tão contundente que Oro e Steil (1997:12) apontaram para a possibilidade de uma *implosão do conceito de religião*. Identificou-se, nessa oportunidade, a influência crescente de uma forma de religião difusa, em vários países latino-americanos, que inclui o movimento *New Age* mas não se reduz a ele, à medida que essa influência englobaria, segundo Oro e Steil (1997:12) “um espectro muito mais

¹ Consultar Deis Siqueira, “Práticas místicas e esotéricas na capital do Brasil: a construção do sujeito-objeto de investigação” in *Série Sociológica*, nº 158, Brasília, Universidade de Brasília.

² Consultar Deis Siqueira, *Fusão religiosa brasileira e multiculturalismo*, Brasília, Departamento de Sociologia, mimeo, (1999-a). Texto apresentado no I Simpósio de História da Religião, UNESP-Assis, junho, 1999.

amplo de crenças e práticas religiosas, onde podem ser incluídas até mesmo formas tradicionais de catolicismo popular que se constituíram e se reproduzem à margem do institucional”.

New Age poderia ser caracterizado como um conglomerado de tendências que não teria textos sagrados ou líderes, nem organização fechada ou estrita, nem dogmas. Tratar-se-ia, segundo alguns autores, de mais uma ‘sensibilidade espiritual’ do que de um movimento espiritual estruturado. Expressaria atitude ou desejo de integração, de harmonia, buscando

conjugiar o pessoal e o privado com o ecológico e o cósmico, o livre e sem amarras com a experiência profunda e natural do divino existente no fundo de tudo. Vários analistas indicaram o otimismo desta espiritualidade ou mística laica que crê encontrar o divino em todos os processos evolutivos. (MARDONES; 1994:123)

Mardones sugere que merece ser refletida uma nova concepção de religião, à medida que a nova espiritualidade em construção não seria apenas a religião institucionalizada e especializada, mas a experiência que recorreria aos âmbitos da secularidade do nosso tempo e às vias religiosas tradicionais. Parker (1997: 143) afirma que os limites que separam religião de magia estariam desaparecendo, e a religião não mais poderia ser identificada com igreja. Esta associação acrítica seria uma herança da tradição judaico-cristã, oriunda da burocratização greco-romana da igreja pós-constantiniana. Mallimaci (1997: 76 e 87) expande o conceito:

existem estruturas religiosas e pessoas que acreditam. O religioso, a religião, são formas, ritos, crenças, práticas e tudo aquilo em que cada um acreditar... o religioso, afrouxadas as amarras institucionais, está se infiltrando por todos os cantos da vida social e cotidiana, exigindo de nós uma revisão do conceito de campo religioso.

É fato que estamos tratando de formas não plenamente, ou fragilmente, institucionalizadas de religiosidade ou de manifestação do religioso. Trata-se de uma diversidade-pluralidade que tem sido olhada, muitas vezes, pelo viés do exótico, remetendo-o a um olhar depreciativo e desqualificador. “Apesar desta ‘religiosidade no plural’ lembrar, primeiramente, superficialidade e inconsistência”, como diria Carvalho (1992:160), insiste-se em que a existência de grupos ou Novos Movimentos Religiosos indica uma nova consciência religiosa como fenômeno emergente que problematiza princípios básicos da modernidade e do desenvolvimento cultural de nossa civilização. Porque se trata de movimentos também culturais, criativos, de experimentação, que propõem novos estilos de vida.

Espiritualidade ou caminho espiritual entendido como ênfase na busca de *auto-conhecimento* e de *auto-aperfeiçoamento*, que se refere não apenas à reestruturação do campo propriamente religioso, mas se remete a campos como a psicologia e a medicina, num movimento em que novos significados, estilos de vida, autoridades, competências etc. encontram-se em processo de legitimação. Há autores que fazem referência a um *bricolage ético moderno* (Pace, 1997:34). Como diria o antropólogo Luiz Eduardo Soares (1994), estes elementos podem denotar a vitalidade de um campo de experimentação, ou indicar a possibilidade de um novo Humanismo ou de uma nova Humanidade, como enunciaria o antropólogo Mircea Eliade (1989).

A privatização da fé vem ocorrendo simultaneamente à psicologização das religiões, como bem já o indicara Berger em 1969:

Os conteúdos religiosos tornam-se sujeitos à ‘moda’ (...) benefícios psicológicos (‘paz de espírito’ e coisas semelhantes) (...) a religião pode ser comercializada mais facilmente se puder mostrar que ela é mais ‘relevante’ para a vida privada, do que se enfatizar que ela tem aplicações específicas às grandes instituições públicas. Isso é particularmente importante para as funções moral e terapêutica da religião. Daí resulta que as instituições religiosas tenham se acomodado às ‘necessidades’ moral e terapêutica do indivíduo em sua vida privada. (BERGER: 1985; 157-158)

O autor adianta como as grandes instituições religiosas voltadas para as camadas médias altas americanas seriam pressionadas a secularizar e a “psicologizar” seus produtos, assim como a situação pluralista teria engendrado a “era do ecumenismo”. Indica como os conteúdos religiosos estariam se “desobjetivando”, ou seja, estariam se desprovido de seu *status* como realidade objetiva, tornando-se “subjetivizados” num duplo sentido:

sua ‘realidade’ torna-se um assunto “privado” dos indivíduos, isto é, perde a qualidade de plausibilidade intersubjetiva evidente por si mesma (...); por outro, na medida em que ela ainda é mantida pelo indivíduo, ela é apreendida como sendo enraizada na consciência deste e não em faculdades do mundo exterior — a religião não se refere mais ao cosmos ou à história, mas à *Existenz* individual ou à psicologia (...) O indivíduo, na verdade, ‘descobre’ a religião na sua própria consciência subjetiva, em algum lugar no ‘fundo’ de si mesmo (...) o *realissimum* ao qual a religião se refere é transposto do cosmos ou da história para a consciência individual. A cosmologia torna-se psicologia. A história torna-se biografia. (BERGER: 1985; 162-163 e 176)

O psicologismo, em qualquer de suas tendências (freudiana, junguiana) permitiria a leitura da religião como um “sistema de símbolos” referidos, na verdade, a fenômenos psicológicos. Esta ligação particular teria a vantagem de legitimar as atividades religiosas como psicoterapia. Assim, no texto que segue, este processo de psicologização da religião será privilegiado, a partir de investigações que estão sendo desenvolvidas no Departamento de Sociologia da UnB. E Brasília e região constituem um campo privilegiado para investigações sobre o fenômeno, como se verá a seguir.

BRASÍLIA: A CAPITAL DO MISTICISMO

Brasília nasceu a partir de dois grandes mitos de criação: a Cidade Utópica e a Terra Prometida.³ O primeiro está inscrito no planejamento urbano e na arquitetura futurista do Plano Piloto: aí não haveriam divisões de classe social. Os fundadores da cidade estavam imbuídos do sonho e da missão de inaugurar um novo tempo e uma nova *civitas* para o Brasil, fundada no belo, na igualdade e na universalidade.

Este mito converge com um outro, místico, referenciado nas profecias de Dom Bosco, que se tornou, inclusive, o padroeiro da cidade. Segundo suas premonições, na região *jorraria leite e mel*. Coincidência ou não, estes dois mitos estão na base do fenômeno místico-esotérico que designa Brasília como a Capital do Terceiro Milênio ou da Nova Era.

Gestou-se no planalto central uma combinação singular: a construção de uma religiosidade voltada para um Novo Tempo, numa região predestinada pela utopia modernista, que pretendia um mundo belo, feito de igualdades, e pela predestinação mística de um religioso sonhador.

Não nos cabe aprofundar, no momento, os motivos que não permitiram a realização do mito futurista. Tampouco podemos argumentar com os místico-esotéricos em que medida a região seria predestinada. Os lugares de onde falamos não são os mesmos. O fato é que pessoas continuam a chegar na região em busca da Terra Prometida ou da Capital do Terceiro Milênio. A lenda tornou-se fato.

A profecia do Santo foi se materializando. Na capital e na região, há um número cada vez maior de pessoas e de grupos que estão tentando construir uma *nova consciência religiosa*, ancorada na busca do *auto-conhecimento* e do *auto-aperfeiçoamento*, na construção de uma *nova visão, holística*, do

³ A este respeito, consultar Deis Siqueira e L. Bandeira, “O profano e o sagrado na construção da ‘Terra Prometida’” in *Brasília a construção do cotidiano*. Brasilmir Ferreira Nunes (org.). Brasília: Ed. Paralelo 15, 1997.

mundo, e construída em torno da preparação para a *Nova Era* ou *Novo Milênio*. O básico desta *nova consciência* é composto por elementos cristãos e de outras tradições religiosas; cósmicos (energia universal, forças cósmicas ou unidade do cosmos); elementos de um eu sublimado (eu superior, eu maior etc.) e valores reificados, como amor, liberdade e paz.

Não apenas surgiram alguns grupos juntamente com a capital, como é o caso da Cidade Eclética, do Vale do Amanhecer, e da Cidade da Fraternidade, mas o número continua a crescer, tendo sido criados, transferidos de outros locais ou fundados a partir de sonhos e de premonições de pessoas e grupos que continuam a chegar, certos de que na região se gesta uma Nova Civilização. Diante da vitalidade do fenômeno na capital e no planalto central do país, e da escassez de estudos existentes a respeito, iniciou-se, no final de 1994, no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, a pesquisa intitulada *Sociologia das Adesões: práticas místicas e esotéricas no Distrito Federal*. Perplexos diante da diversidade que caracterizava o campo de investigação, denominaram-se diferentes grupos, religiões, filosofias, escolas, doutrinas etc. como *místico-esotéricos*.

No primeiro momento da investigação uma grande variedade de práticas, de rituais, de doutrinas e de filosofias, que poderia ser denominada *nebulosa místico-esotérica*, não possibilitava classificações. O único recorte feito tratou de não incluir na amostra as religiões afro-brasileiras, as espíritas, as protestantes e as católicas. Foram incluídos apenas os grupos que se negam à auto-identificação enquanto religião. Ainda que se considerem religiosos, são anticlericais. Mesmo se considerando inseridos em uma religião, essa seria uma característica secundária, ou não seria o aspecto mais importante de seus caminhos, de suas apropriações e de suas construções.

Outra característica para a construção do recorte do objeto foi a identificação, pelos grupos, de 'caminhos espirituais' com a pretensão de se constituírem em ruptura. Muito do que é apresentado como novidade é construído pelo amálgama de elementos bastante antigos.

Religiões como os Budismos ou outras centradas em torno das Escrituras Védicas estão sendo revividas na perspectiva de uma *nova religiosidade* e um *novo estilo de vida* que se diferenciem das religiões ocidentais, isto é, das cristãs, sobretudo a católica. É por isso que algumas religiões e correntes esotéricas tradicionais, como a Ordem Rosa Cruz (AMORC), são incluídas como grupos místico-esotéricos.

Enfatiza-se, nas críticas às religiões ocidentais, principalmente ao catolicismo, a moral (sexualidade, culpa, repressão etc.); a ética (acúmulo de riquezas, de poder etc.); a hierarquia; o dogmatismo e o excesso de conceituação;

a não-diferenciação entre religião, normas e rituais; o pouco ou o inexistente respeito à religiosidade de cada indivíduo, e a secundarização da dimensão interior em relação a uma instância metafísica, de um Ser superior e exterior.

À medida que o objeto de estudo apresentava características de uma *nebulosa*, a primeira etapa da pesquisa consistiu em longas entrevistas com lideranças dos grupos místico-esotéricos, totalizando oitocentas páginas. Esta amostra, composta por dezessete grupos, foi construída a partir da indicação das próprias lideranças, sobre quais eram os grupos mais importantes existentes em Brasília.

Apesar da grande diversidade de grupos, de rituais, de doutrinas e de suas origens, há uma série de elementos e de significados comuns, que transversalizam os diversos grupos. É uma das descobertas mais interessantes destes anos de investigação, ainda que não se trate, propriamente, de estudo comparado de religiões. A transversalidade de significados apresentou-se durante a investigação. Por trás da enorme diversidade, surgiu a riqueza de identidades ou coincidências.

Além dos significados básicos, outro elemento recorrente nos discursos refere-se às predestinações sobre Brasília e região, destacando-se Alto Paraíso, consensualmente considerada o *chakra cardíaco do planeta*.⁴ Esta cidade localiza-se a 230 km da capital, é vizinha ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e concentra grande número de grupos místico-esotéricos, que lá se instalaram a partir de 1990.

A capital e seu entorno oferecem um campo de experimentação e de produção que reúne uma pluralidade de elementos centrados em torno do Novo Tempo, que tem outras fontes além do mito místico. É significativo que, dos 200 adeptos de grupos místico-esotéricos entrevistados, 76,0% do total consideram Brasília predestinada e 61,0% consideram o Planalto Central predestinado.⁵ Na capital vêm sendo concretizados o convívio, a integração e a sintetização de doutrinas, de crenças e de visões de mundo que nasceram na Índia, no Japão, no Tibet, no Egito, na Amazônia. Tece-se, juntamente com a

⁴ *Chakra*, em sânscrito, significa roda, centro, plexo. A anatomia e fisiologia hindus ensinavam que o corpo humano tem sete chackras principais, desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça. Utiliza-se a mesma compreensão para a Terra, que teria vários *chakras*. O *chakra* cardíaco seria onde bate o coração do planeta. A este respeito, consultar Deis Siqueira e L. Bandeira, op. cit. 1998.

⁵ Uma análise detalhada dos dados fornecidos por 200 questionários respondidos por adeptos ou frequentadores de mais de 40 grupos encontra-se no texto apresentado nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, no Simpósio Pesquisa Conjunta PQ02: *Práticas místicas e esotéricas na capital do Brasil*, São Paulo, setembro de 1998.

pluralidade de origens regionais, internacionais e étnicas, a universalidade e a integração sonhadas.

As noções de carma e de reencarnação são as mais comuns. Outro significado transversal diz respeito à visibilidade do eu interior, eu superior, eu maior, eu cósmico ou eu próprio. O mundo seria constituído de aparências, e as pessoas seriam moldadas e padronizadas pela sociedade — mundo exterior. Caber-lhes-ia descobrir seu eu interior, eu superior, eu cósmico ou eu maior. As denominações variam, mas a noção é a mesma.

A descoberta ou o encontro desta dimensão interior, transcendente às determinações socio-econômicas, culturais e históricas, poderia ocorrer de maneira própria em cada grupo, mas as técnicas e os caminhos são similares. Estes podem ser a meditação (Zazen do Zen Budismo, meditação transcendental), o silêncio, a quietude, a recitação de mantras (repetição falada ou cantada que produz sonoridade própria) e o uso de alucinógenos (a ayahuasca utilizada pelo Santo Daime). A solarização ou criação do corpo solar, método desenvolvido por Satya Mila, do Instituto Solarion, em Alto Paraíso, é referido, segundo ela, como “(...) uma estrutura energética (...) que fica sendo parte de nós, de nosso campo energético e físico (...) em todos os níveis (...) Por meio da ligação com o eu superior contatar-se-ia com todas as inteligências do universo (...) De Buda para cima”.

A maioria dos grupos objetiva um estado de percepção alterado, para que se esteja consigo mesmo, com a dimensão interior transcendente, que normalmente estaria adormecida ou esquecida: possibilidade de ‘auto-aperfeiçoamento’. ‘Conhece-te a ti mesmo’ é uma máxima que transversaliza todos os grupos.

O auto-conhecimento visaria à essência pura, espiritual, ou à essência do ser, à consciência pura ou à consciência expandida, à verdadeira natureza, à verdade universal ou absoluta, ao eu mais profundo ou ao verdadeiro poder. As pessoas seriam demasiadamente influenciados pelo que acontece fora de sua natureza interior: situações, contextos, expectativas. O ego refletiria a auto-imagem dos indivíduos, que se movem a partir de máscaras sociais, de representações e de necessidades de controle, de aprovação, de aplausos. Mental racional de *personas* movidas pelo ego.

Há que se livrar deste ego (zerando-o, acalmando-o), porque haveria a possibilidade de ir além do “mental racional”, assim como haveria a possibilidade de se transcender à ciência atual, ancorada na mente, na dualidade e na racionalidade cartesiana.⁶ O mundo material e o mundo social seriam consti-

⁶ A *anulação do ego* é uma das questões que mais indicam ambigüidades e paradoxos construídos e vivenciados pelos grupos místico-esotéricos investigados. Há forte apelo para

tuídos sobretudo por aparências. A partir do auto-desenvolvimento poder-se-ia ter a consciência desses mundos enquanto ilusão, o que implicaria a superação da dimensão do ego.

Concorda-se com a afirmação de Prandi (1997:4), segundo a qual as religiões prosperam com a pobreza das populações marginalizadas, que ficam “social e culturalmente para trás. Há dados inquestionáveis para tal demonstração”. Entretanto, é necessário adiantar que a maioria dos freqüentadores ou adeptos das novas religiosidades aqui exploradas são principalmente aqueles para quem a materialidade já se encontra resolvida ou não é um dos problemas fundamentais da vida

para os que conhecem e experimentam o que de melhor é capaz de fornecer a nossa contemporaneidade construída na razão, na ciência e na tecnologia, que são as grandes promessas que herdamos do século passado, prometidas como fonte do bem-estar geral definitivo. (PRANDI; 1997: 65)

Assim, 55,0% da amostra pesquisada, composta por 200 adeptos, têm curso superior completo; 16,0% têm uma renda maior do que vinte salários mínimos, 31,0% acima de dez salários mínimos e 42,0% acima de cinco salários. Este não é um fenômeno exclusivo de Brasília.⁷

A busca de compreensão do novo espaço religioso ou de novas formas do sagrado, na sociedade atual, a partir do que Mardones (1994) denominou uma nova sensibilidade místico-esotérica em Brasília, nos levou a indagar de forma mais cuidadosa um dos aspectos indicados pela literatura: as conexões existentes na atualidade, na capital, entre religião e psicologia.

se transcender o ego, mas geralmente se reconstroem egos expandidos, caracterizados por comportamentos narcisísticos, principalmente as lideranças. A este respeito, consultar *Carisma e Narcisismo: uma leitura das lideranças nas novas religiosidades*, Deis Siqueira, Lourdes Bandeira, P. Ribeiro e R. Osorio, texto apresentado no Seminário Internacional *Max Weber na UnB*, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 1997.

A respeito do fenômeno na Europa, consultar Mardones (1994); Parker (1997), a partir de investigações realizadas no Chile, conclui que apesar de haver influência da *New Age* nos setores populares da grande Santiago do Chile, a um maior nível educacional corresponde uma tendência ascendente para encontrar-se a racionalização das crenças com desapego institucional, destacando o crente sem religião. Quanto menor aquele nível, maior seria a adesão às religiões instituídas. Para o Uruguai, Hugarte (1997) indica como um consumo do tipo *New Age*, de práticas não convencionais ou, como denomina o autor, a *religiosidade inorgânica* localiza-se nas classes médias e altas semi-intelectualizadas.

A DIVINIZAÇÃO E A CENTRALIDADE DO INDIVÍDUO; MERCANTILIZAÇÃO DA RELIGIÃO

Embora todos os grupos tenham suas divindades e seus mestres reverenciados e a referência a Deus seja constante, fortalece-se a idéia de que o divino se encontra no indivíduo, é parte intrínseca dele. Haveria que desenvolvê-lo e cultivá-lo.

O indivíduo tem livre-arbítrio. A partir de técnicas, de exercícios, de mantras, de meditações, poderia tornar-se mais poderoso, descolando-se das dimensões sociais e emocionais do cotidiano (centradas no ego), tornando-se detentor de novos mecanismos ou canais de interlocução com os indivíduos, com os grupos e com a dimensão espiritual e divina. Isto possibilitaria formas e estratégias de poder diferenciadas das tradicionais, exercidas nas instituições e nas esferas propriamente políticas.

Instala-se a possibilidade da magia: arte ou ciência oculta em que são utilizados poderes invisíveis (mentalização de cores, visibilização da aura, poder e comunicação com as plantas e com os duendes), para se obterem fins visíveis. Entre os grupos investigados há o que se autodenomina grupo de alquimistas (Associação Cúpulas de S. Germain). Afirma estar trabalhando com a “transmutação de energias densas e pesadas transmutando energia magnética e telúrica em energia eletrônica”. Seguindo a pista dada por Noth (1996:40), pode-se perguntar se não se está diante

de uma reabilitação cultural da magia. Magia pura não só se torna novamente respeitada em ambientes subculturais, tal como no movimento New Age, mas, sobretudo, a crítica positivista da magia tem sido abandonada por uma nova avaliação que reconhece o potencial psicoterapêutico do signo mágico.

Este autor pergunta se o encantamento dos mágicos poderia ser tão eficiente quanto os esforços de um psicoterapeuta moderno.

O processo de auto-conhecimento e de encontro com o eu superior ou eu maior, e de limpeza do carma, seria tão poderoso que as dificuldades do cotidiano, as doenças, os carmas físicos, poderiam desaparecer. Haveria a possibilidade da autocura a partir da consciência. Desenvolvem-se, no geral, questionamentos da medicina ocidental-alopática e uma valorização da medicina oriental-alternativa.

Pretende-se acabar com o sofrimento inerente à condição humana, e o processo pode funcionar como terapêutico. Neste sentido, afirma o Santo Daime: “O Daime é uma terapia ética, uma coisa assim de você se curar, se conhecer”.

Vários grupos praticam tratamentos e terapias específicas para o auxílio às pessoas, como é o caso dos seguidores do Osho (Rosa Mística), do Instituto

Solarion (Solarização) ou da Arcádia Irmandade da Luz Solar. Esta criou uma nova terapia, a cosmoterapia, que compreenderia o homem como um todo, a partir de outras dezoito anteriormente utilizadas. Trata-se de uma “nova psicologia”, voltada à superação de problemas psicológicos, mas dirigida ao processo fundamental de auto-conhecimento, construindo caminhos para se chegar ao eu interior, eu superior, ou à paz interior e à iluminação, além da cura. Como lembra Mardones (1994), a interioridade do indivíduo é o lugar onde o sagrado é encontrado e atualizado. Sem experiência pessoal íntima não haveria experiência do sagrado. Daí a importância e a conexão das novas religiosidades com as terapias, especialmente com aquelas de mediação corporal e emocional, porque se trata de uma religião do coração, da interioridade.

Este autor sugere que a experiência religiosa na modernidade centra-se no indivíduo, em seu equilíbrio psíquico e no bem-estar corporal:

(...) a experiência salvadora religiosa moderna adquire características muito terrestres e concretas ao situar-se no nível da liberação de medos, angústias, culpabilidades (...) ou, expressando positivamente, na realização pessoal e grupal, sob a forma de identidade, sentido, confiança, comunicação etc. (Mardones; 1994: 158).

Junto com o conceito de ecumenismo surge, nos discursos, a idéia do *holismo* — o ser como um todo, numa perspectiva integral. Limpeza, cura e libertação do corpo passam a ser centrais no processo de auto-aperfeiçoamento. Os discursos enfatizam-no como meio de expressão e de comunicação, informados por uma “nostalgia das origens” e por uma busca de continuidade ou integração perdida.

A ciência deverá, na Nova Era, ser construída e exercitada em novas bases, não mais de forma positiva e fragmentada, que concebe o universo como passível de ser submetido a leis fixas e objetivas. Assiste-se, segundo a maioria das lideranças, a uma “mudança de paradigma”. O novo, holístico, veria o universo como um todo que é uno e está presente em tudo, em todas as partes. Quando a consciência pessoal tem chance de expandir-se, permitindo o encontro com o eu superior ou eu maior de cada um, há a possibilidade de sentir-se una ou integrada com a consciência universal ou com o cosmos. O principal objetivo seria a “unidade do todo e a unidade com o todo”. Ou, como diria Mardones (1994: 161 e 124),

Superar as divisões, separações e desenvolver uma consciência unificadora geral e global (...) As técnicas de meditação transcendental, yoga, zen, controle mental, os recursos aos mestres espirituais, gurus etc., são utilizados como vias de acesso à experiência mística, cujo resultado será, mediante o ‘ensimesmamento’ (ou concentração no

processo de auto-conhecimento) e a ‘iluminação’, a experiência de que o eu não é outra coisa que o ‘si mesmo’, o todo absoluto e uno.

Mesmo para os freqüentadores de religiões tradicionais, a postura é a de que as doutrinas não são fundamentais. Os budismos tendem a se denominar ‘Escolas’. Seria fundamental praticar, pois a doutrina estaria dentro de cada um, que se doutrina. Parece que se está diante de uma religiosidade entendida como *arranjo pessoal e estilo de vida*.

Os significados comuns encontrados nos diversos grupos místico-esotéricos indicam a construção de uma nova perspectiva na relação interior-exterior e, conseqüentemente, na relação indivíduo-sociedade. A centralidade dos elementos que informam o que se pode chamar uma nova visão do mundo tende a se deslocar da dimensão externa para a dimensão interna do indivíduo (divinizado). Atitudes valorizadas pelo cristianismo, como piedade e caridade, perdem força diante de práticas de auto-conhecimento, de crescimento espiritual ou de tomada de consciência.

A transcendência passa a se manifestar na vida cotidiana, à medida que a presença do religioso, a apropriação, o uso e a manipulação dos símbolos e da experiência religiosa ocorrem, cada vez mais, fora da armadura institucional e das instituições especializadas em religião. Talvez se possa hipotetizar, como o faz Mardones (1994: 154), que o

religioso se configura desde e na tomada de consciência de problemas, experiências etc., que transitam pelo cotidiano, desde a ameaça ecológica, a sexualidade, a experiência esportiva, as viagens (...) o ponto de partida e o de encontro da experiência do transcendente se apequena e se banaliza, mas se expande pela sociedade. Entramos no que T. Luckmann denominou as pequenas e médias transcendências e o distanciamento da grande transcendência.

Também Campbell (1977: 18) destaca a adoção de uma concepção do divino imanente e não transcendente no movimento de orientalização do Ocidente: “(...) privilégio geral da imanência à transcendência, da resposta ao mundo interior, da mística à resposta exterior, ‘ascética’”.

Velho (1997:52-53), por sua vez, introduz questões importantes para a reflexão da religiosidade na contemporaneidade. As dimensões do ‘aqui e agora’ e do cotidiano vêm ganhando espaço, movimento que indicaria a construção de um novo equilíbrio com as tendências milenaristas tradicionais:

Estas não desaparecem, mas ganham função, por assim dizer, mais sutil e transformadora, reconciliando-se a clássica oposição entre religiosidades de possessão (em que o tempo se identificaria com um

eterno presente) e religiosidades messiânicas (voltadas para a redenção) (...) a busca de uma nova linguagem religiosa que afirme e dê sentido a essa prática, mas reapropriando-a, agora em outro plano que não o da salvação. O autor segue a reflexão, buscando destacar transformações sincréticas ocultas entre tradições (...) inclusive orientais, por via da crença no poder do pensamento, e seu desdobramento no poder da palavra, que no Brasil encontrou terreno fértil para se desenvolver. Isso lhe emprestaria surpreendente parentesco com a “Nova Era” e com a literatura dita ‘esotérica’ e a de auto-ajuda.

O trânsito entre tradições, pelo menos em termos do significante, poderia também ser percebido a partir da ênfase no

Espírito, na energia e na libertação. A Gaia da Nova Era (...) pode servir de um exemplo entre outros, surgido alhures, daquilo a que estamos nos referindo, não só em óbvia relação com a globalização, mas possuindo também a propriedade isomórfica de atravessar diversos campos. (VELHO; 1997:56)

O autor sugere o quanto este processo poderia estar indicando uma historicização radical e, utilizando-se do vocabulário religioso como recurso, uma maior fluidez na direção de uma

atenção aos sinais dos tempos e da benção da contingência (...) talvez se esteja na verdade propondo uma outra organização da racionalidade e um vocabulário alternativo onde *Zeitgeist* (espírito do tempo) e *Geistzeit* (tempo de espírito) se identificariam. (VELHO; 1997:56)

Destaca que a ‘experiência e os efeitos’ parecem assumir ou adquirir estatuto ‘estrutural e comunicacional’, podendo ser associados, no plano da religiosidade, com o transcendente. Mais importante do que formular um novo projeto para a sociedade, ou ajudar crianças abandonadas, seria centrar-se no crescimento individual (meditação, limpeza, desapego, iluminação). Não se poderia pensar em revolucionar o mundo sem antes revolucionar-se a si mesmo.

A referência predominante não se centra mais em torno de um Deus uno, exterior e todo poderoso (ainda que a idéia de Deus esteja presente em todos). Identifica-se uma pulverização ou fragmentação do divino no mundo concreto e cotidiano (pessoas, animais, plantas), quebrando-se a hegemonia do monoteísmo e privilegiando-se os poderes dos indivíduos.

O que tem que ser feito, quem te diz é o seu eu mais profundo, sua divindade mais verdadeira, seu eu superior. É muito limitado, as

pessoas ficam com besteiras, aí ficam malucas, com complexos, cheios de coisas, com esquizofrenias, com um monte de coisas na cabeça, que não existem. Ficam com crise, crise existencial, com problemas que não existem, que a mente inventou para ele! A mente é uma forma criadora. Então é necessário direcionar a mente para pensar a perfeição, para pensar coisas boas, para pensar na plenitude, em coisas leves e não se ocupar em detonar (Associação Cúpulas. de S. Germain).

Parece estar sendo gestada uma nova representação do indivíduo. As novas visões de humanidade e de mundo trazem consigo um outro lugar para ele, valorizado primeiramente pelo que é em sua interioridade, e não por seu papel, *status* ou função na sociedade. Afinal, o principal seria o *processo de auto-realização*. E este processo seria maior e mais verdadeiro do que as crises ecológica, econômica, de nações, de povos, da humanidade.

Existe uma crise sim, só que é muito autogeradora. Se o próprio ser humano descobrir quem ele realmente é na origem, não haverá crise que subsista. Ela vai cair, vai desaparecer, ela vai voltar ao seu nada original, porque no fundo, no fundo, tudo é vazio, todas as coisas são vazias, são efêmeras de substância (...) tudo passa (Zen Budismo).

À medida que a religião e a religiosidade vêm-se concentrando na esfera do privado, adquirem características cada vez mais íntimas e emocionais. A vivência ou a experiência do sagrado e do religioso concentram-se no indivíduo. É ele quem se constitui centro da nova religiosidade, assim como é símbolo da sociabilidade na modernidade.

A nova religiosidade, psicologizada, do coração, da interioridade, não seria, segundo Mardones (1994:171), uma novidade para o cristianismo. Teria havido diversos pietismos ou várias correntes iluministas que se apoiaram mais no sentimento, ou na via afetiva, do que na intelectual.

O Deus do amor, da paz, da confiança etc. segue mais o caminho do sentimento do que da inteligência, dizem. Não seria esta linha romântica que criaria problemas para o catolicismo, mas, o caráter livre, desvinculado de referências à instituição e à autoridade.

A religião cristã seria ma espécie de ofertante de

serviços religiosos, de sacramentos de iniciação, de determinados rituais de passagem etc. Demasiado convencional e social, demasiado ajustada à modernidade (...) Por outro lado, não responde às ameaças da própria modernidade, pelo menos nas questões mais atuais: não tem consciência ecológica-planetária, continua sendo surda aos chamamentos de unidade e de harmonia cósmica, carece de

sensibilidade para fazer colocações mais gerais, onde a nova consciência do divino atravesse a toda a realidade com naturalidade. O cristianismo ficou velho, ancorado na modernidade industrial e técnica, que desconhece a nova consciência científica e o novo paradigma que brota dele. (MARDONES, 1994:173)

A autonomia individual, esta livre composição de elementos simbólicos, de doutrinas, de práticas e de rituais indica uma mercantilização da religião. Mas se trata da criação de uma certa “cidadania religiosa e não meramente (de) clientes ou consumidores religiosos”, como sugere Mallimaci. (1997:87) Nesta direção complementa Carvalho (1992: 70): a busca pela religiosidade plural e diversificada garante um lugar para a diferença. O esforço para se construir um novo estilo de vida, que integre corpo e espírito, homem e natureza, reforça a postura crítica em relação às religiões cristãs, ‘controladoras’ e ‘repressoras’ do corpo.

Além da vinculação com o mercado, cresce o caráter de serviço das novas religiosidades, como indicado por Prandi. (1997:65) Aumenta o interesse pela religiosidade oriental. O fascínio pelo mundo religioso oriental vem ocorrendo desde o século passado, possibilitando pensar que se pode estar “(...) senão diante de um bazar religioso, diante de um certo experimentalismo e contaminação religiosa oriental”. (Mardones, 1994:120) Contaminação, trânsito ou alternância, como pergunta Campbell? Este autor indica como várias crenças

construíram os alicerces para a substituição da imagem transcendente do divino tradicionalmente ocidental pela imagem imanente oriental, um processo que, embora venha ocorrendo por cerca de duzentos anos, somente agora começa a se tornar de fato amplamente visível. (CAMPBELL, 1977:07)

Assim, os significados da religiosidade místico-esotérica articulam-se a todo um mercado existente de alternativas: terapias (cura astral, aplicação de *heiki*, iridologia, florais, homeopatia), massagens (*do-in*, *ayurvédica*, *shi-atsu*), práticas e técnicas de auto-ajuda, de relaxamento, de harmonização dos *chakras*, de energização, de meditação, acupuntura, *yoga*, *tai-chi-chuan*, astrologia e mapa astral, sessões xamânicas para homens, rituais da lua cheia para mulheres, leituras de tarô, de *I-Ching* e de runas, objetos (cristais, pedras específicas segundo o signo e o ascendente, duendes). Alternativas que compõem o processo de auto-aperfeiçoamento, auto-conhecimento e auto-deificação.

Com muito incenso e meditação, as pessoas movem-se em torno de uma literatura específica de como contatar seu anjo, de como ter sucesso espiritual. Os freqüentadores ou adeptos dos grupos místico-esotéricos e um público,

mais ou menos religioso, consumidor de práticas e de produtos alternativos, buscam um novo estilo de vida ou uma melhor qualidade de vida.

Pace (1997:38) destaca a possibilidade da “manipulação da religiosidade profana pelo mercado”. Assim como se vive na modernidade um tempo de experimentalismo cultural, enfatiza-se o religioso como experiência pessoal e interior. Devido a este experimentalismo, vários autores têm insistido na dimensão mercadológica da temática, tais como Berger, que já o fez em *O dos-sel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*, editado em 1969.

O antropólogo Magnani (1996:15), após realizar a pesquisa *O neo-esoterismo na cidade*, quando mapeou e classificou a diversidade de práticas por ele chamadas de neo-esotéricas em São Paulo, sugere que

(...) a emergência de padrões de comportamento que, como hipótese, começam a caracterizar significativamente a oferta e procura de bens na área das práticas mágico-esotéricas no contexto das grandes cidades, instituindo modos ou estilos de vida diferenciados (...). Se, de um lado, o aspecto mais marcadamente comercial do neo-esoterismo produz e tem como alvo um consumidor ingênuo e indiscriminado, de outro é possível identificar o adepto dessa ou daquela corrente, sofisticado e esclarecido.

Entre estes dois pólos vai-se constituindo um público formado por padrões regulares de consumo (certo tipo de música, de livros, de objetos), que cultiva hábitos alimentares tido como saudáveis e ‘naturais’, que está preocupado e despense tempo e recursos com práticas destinadas ao desenvolvimento harmônico de corpo e espírito dentro de uma visão ‘holística’, e que exercita sua espiritualidade fora das igrejas e ritos convencionais.

Concorda-se com Mardones (1994:168) quando ele afirma que as novas tendências religiosas, ‘sobretudo as místico-esotéricas’, não correspondem nem ao tipo igreja, nem ao tipo seita. “Estariamos diante de um fenômeno de tipo culto ou rede, formando ‘comunidades emocionais’ em virtude da experiência espiritual em torno de um ‘líder’, que tampouco exerce sua liderança como organizador ou controlador de um espaço religioso”. Os líderes são, simultaneamente, escritores, conferencistas e, principalmente, terapeutas, em Brasília e entorno. “Nada tem de estranho que seja em torno de livrarias, de centros de conferências, terapias (...) onde se reúnem e se configuram estas redes de religiosidade”, diria Champion. (1993-a:260)

A função de atribuição de sentido ou de “nominação”, como diria Berger (1985), parece refazer-se a partir da possibilidade de que as novas religiosida-

des ofereçam um novo estilo de vida, centrado em melhor qualidade de vida. Estilo de vida que se correlaciona, por sua vez, a práticas, produtos, terapias, hábitos que são vivenciados como alternativos em relação ao hegemônico da sociedade: medicina alopática, religiões oficiais etc.

A seguir serão apresentadas informações de várias frentes da pesquisa que vem sendo desenvolvida em Brasília.

1ª FRENTE: adeptos dos grupos místico-esotéricos do planalto central

Os dados que seguem foram coletados a partir de perguntas abertas, parte de um questionário aplicado a adeptos de mais de 40 grupos místico-esotéricos existentes em Brasília e entorno (Brasília, Alto Paraíso, Vale do Amanhecer, etc.). As respostas foram agrupadas em algumas grandes categorias, que são, certamente, passíveis de reformulação.

Os principais problemas da sociedade atual, conforme indicados, foram classificados da seguinte maneira:

Religiosos atuais: escombros dos quais surgirá a Nova Era; inconsciência das pessoas com relação à sua própria divindade; desequilíbrio energético; falta de consciência do Eu; lutas egocêntricas; desconhecimento de que karma significa dialética; produção de muito karma ao planeta, etc.

Religiosos Tradicionais: afastamento de Deus; falta de religiosidade; falta de humildade; falta de fé; falta de perdão; falta de um guia, etc.

Psicológicos-existenciais: falta de auto-conhecimento; ausência de referencial; nossos atos são determinados por nossos caminhos; perda de contato com a naturalidade; loucura; descontrole; apatia, etc.

Sócio-econômicos: miséria, educação; saúde; desemprego; incompetência dos governantes; crescimento populacional; baixa qualidade de vida; crianças abandonadas; doenças; caos urbano das metrópoles; corrupção política; ditadura dos meios de comunicação, etc.

Comportamentais: preconceito; falta de solidariedade; de compaixão, de disciplina; egoísmo; ganância; individualismo; consumismo; estupros; maldade; desagregação de valores; alcoolismo entre jovens; vícios de caráter; aborto; suicídio; incomunicabilidade entre pessoas e entre grupos; falta de diálogo familiar, etc.

Combinações: problemas comportamentais e sócio-econômicos foram os mais comuns.

Tabela 1- Principais problemas da sociedade atual

PRINCIPAIS PROBLEMAS	Total = 600	Total = 100,0%
Religiosos atuais	56	10,3%
Religiosos tradicionais	26	4,3%
Psicológicos-existenciais	45	7,5%
Sócio-econômicos	112	18,7%
Comportamentais	336	56,0%
Combinações	17	3,8%
Outros	08	1,3%

Fonte: Questionários aplicados a 200 adeptos de grupos místico-esotéricos do DF

Pode-se observar que os problemas associados aos valores, tanto das novas religiosidades quanto das religiões tradicionais, não são tão significativos quanto os sócio-econômicos, os quais compõem quase 20,0% do total dos principais problemas da sociedade atual. Entretanto, a ênfase está posta nos problemas que foram agrupados como comportamentais. Estes poderiam ser considerados como problemas sócio-econômicos ou sociais. Foram separados na medida em que a ênfase está aqui centrada na dimensão comportamental das pessoas, com ênfase nos valores humanos e não naqueles valores ligados mais diretamente à cidadania.

A tabela 2 abaixo diz respeito aos principais elementos/conceitos que foram incorporados pelos informantes, depois de passarem a freqüentar algum grupo místico-esotérico. Estes foram agrupados da maneira que segue:

Religiosos atuais: pesquisa verdadeira; unidade na diversidade; meditação para avaliação do dia; ver a vida sem maiores desejos; elementais, Eu interior; numerologia; cabala; energia; cristais; viver é um aprendizado; existir e se manifestar; não julgar; abertura da mente; tudo o que se faz, retorna; universo infinito; nós criamos os próprios valores; busca interior, auto-conhecimento; crescimento pessoal: liberdade; libertação interior; dharma; corpos astrais; estar sempre atento; vida é celebração; priorizar vida saudável; filosofia oriental faz ver a vida diferente; desapego do eu; valorização da natureza como reflexo da Deusa, visão xamânica do mundo; Eu maior; conexão corpo-alma-espírito; dívida cármica; conhecimento das capacidades mentais; tudo é possível; indivíduos são parte de um todo maior; somos um universo em nós mesmos; compaixão, caminho-do-meio; estar bem consigo mesmo; consciência de Krishna; saúde como extensão do equilíbrio; valorização da consciência dos atos.

Religiosos tradicionais: as pessoas necessitam de um alimento espiritual; Bahá'u'lláh é mensageiro de Deus; amar ao próximo como a ti mesmo;

há uma verdade; espírito-alma; fé abrange tudo; nasceu bahá'í; somos eternos; novas atitudes; compreensão das coisas; tolerância; perdão; abrir o coração; pureza; verdade; prática do bem irrestrito; respeito ao próximo; resignação à vontade divina; amor a Deus; participação nos rituais; fé; os mandamentos; ajudar ao próximo; doutrina cristã; importância da vida espiritual; agradecer a Deus; caridade; conceitos do espiritismo; melhor adequação ao mundo; orar pela felicidade do próximo; gratidão; crença em Deus; conduta doutrinária; conduta moral; transcendência; trabalhar para os outros; doutrina; necessidade de se ligar a uma doutrina, etc.

Psicológicos-existenciais: conforto; relaxamento; conviver melhor consigo mesmo; convivência; sociabilidade; como se comportar em situações difíceis; calma interior; entendimento da solidão; sentimentos verdadeiros; tranquilidade; reflexão; estabilidade; felicidade; valorização do relacionamento afetivo-sexual; calma, etc.

Sociais-comunitários: respostas convincentes sobre a religião e a sociedade; eliminar extremos de riqueza e pobreza; respeitar as diferenças, cooperação mútua; contato maior com a família; entender que todos fazem parte de uma família; abolir as diferenças; espírito comunitário, etc.

Combinações: elementos mais presentes foram os sociais-comunitários.

Os principais conceitos ou valores incorporados a partir da adesão a algum grupo transitam em torno de elementos típicos de novos valores religiosos, compondo 60,0% do total dos conceitos indicados. Em segundo lugar identificam-se valores religiosos tradicionais. Ambos, juntamente, compõem quase 90,0% das indicações.

Tabela 2 - Principais elementos-conceitos incorporados a partir da adesão a algum grupo místico-esotérico

PRINCIPAIS PROBLEMAS	Total = 462 (n)	Total = 100,0%
Religiosos atuais	275	60,0%
Religiosos tradicionais	121	26,2%
Psicológicos-existenciais	17	3,7%
Sociais comunitários	15	3,3%
Combinações	22	2,0%
Outros	05	1,0%
Nenhuma	07	1,4%

Fonte: Questionários aplicados a 200 adeptos de grupos místico-esotéricos do DF

Finalmente, os dados sobre o que se teria alterado na vida dos adeptos depois de frequentarem algum destes grupos encontram-se na tabela 3. A seguir, as categorias que classificaram estas mudanças.

Religiosas atuais: mais harmonia em todos os níveis; as insatisfações vêm do transitório, dos apegos; perceber o verdadeiro significado das coisas; necessidade de se harmonizar com as leis universais; maior contato comigo e conseqüentemente, uma maior lucidez; conceito da existência em si, onde cada um busca de uma forma distinta, em sua história particular; mudança de atitude interna frente aos problemas; centramento; aprendizagem sobre o interior; meditação; todas as verdades estão dentro de mim; abriu o mundo interior; conseguiu se impor uma alimentação sadia; pensar localmente e agir globalmente; aumento da percepção das coisas como parte do todo; hoje me sinto espiritualmente estabilizada; muitas dúvidas e questionamentos foram resolvidos; não aceita mais qualquer pensamento; comecei a filtrar os pensamentos; melhor qualidade de vida; encontrou-se consigo mesma; mudanças internas; equilíbrio em lidar com as coisas materiais; auto-conhecimento; menos vazio; canalização de energia; diminui o fluxo mental; passou a entender sua posição no Universo; passei a perceber que minha insatisfação interna era a minha insatisfação externa; maior poder de análise; consciência e clareza; mais capaz de neutralizar tudo o que faz mal; estou mais próxima do que realmente sou; maior importância ao pessoal em relação aos problemas sociais; abastecida interiormente; deixei de culpar os outros; desapego; estou descobrindo formas de lidar com minhas sensações, mente e mundo; sintonizei-me comigo mesmo; busco olhar mais para dentro; tenho a nítida idéia de que não conseguiremos modificar a situação do mundo; passei a me aceitar e a melhorar a cada dia, etc.

Religiosos tradicionais: descobriu a beleza e o milagre da vida; aceitação; paciência; amor ao próximo; verdadeiramente útil a Deus e às pessoas; percebi melhor o trabalho sutil das orações; hoje estou satisfeita com o conhecimento que obtive em crer em Deus com fé e com serviço; descoberta de que é possível alcançar a religiosidade plenas através da humildade e do amor aos animais e ao próximo; ajudar; passei a reunir a família para orar; nasceu bahá'í; aceitação das fatalidades, etc.

Psicológico-existenciais: o tédio e o vazio estão preenchidos; minimizei as insatisfações; mais calma; mais alegria; maior realização como pessoa; conhecimento dos sentimentos; realização; aprendi a lidar com os defeitos; tranquilizei-me; os questionamentos estão se clareando; menos bebida; parei com as drogas; adquiri mais preparo para superar as dificuldades; consegui colocar em prática o que sabia teoricamente; relativizei o individualismo exacerbado; aprendi a me soltar mais; aprendi a ser mais otimista com relação

ao mundo; mais satisfação com a vida; passei a enxergar as insatisfações da vida como momentos passageiros; agora tenho diretrizes para o bem viver; compreendi melhor as insatisfações e aprendi a lidar melhor com elas; mudei a visão diante dos problemas, hoje não me desgasto mais; tornei-me uma pessoa mais prática; confiança; melhor sociabilização, deixei de ser vítima; mais serenidade; menos ansiedade; maior tranquilidade na minha relação comigo mesma e com as pessoas; a busca por conhecimento tornou-se consciente; auto-confiança; angústias diminuíram; pensamento positivo; visão mais clara das insatisfações, etc.

Sociais-comunitários: harmonização do lar; menos acomodada em relação às injustiças sociais; solidariedade; diminuíram as ansiedades em relação à vontade de mudar o mundo; realização consciente do papel como ajudante na transformação de si e do mundo; passei a trabalhar mais coletivamente, penso em cuidar de mim para ajudar a evolução da humanidade; passei a respeitar mais o coletivo; agora tento fazer o que posso na comunidade, etc.

Tabela 3 - O que alterou na vida depois de freqüentar grupos místico-esotéricos

ALTERAÇÕES	N	%
Religiosos atuais	34	15,0%
Religiosos tradicionais	28	12,4%
Psicológicos-existenciais	68	30,1%
Sociais comunitários	05	2,2%
Nada	16	7,1%
Tudo	14	6,2%
Nenhuma n r	16	7,1%
Outro	09	4,0%
Combinações	27	11,9%
Outras combinações	09	4,0%

* Religiosos atuais + Psicológicos-existenciais. Total de indicações: 226 = 100%.

Fonte: Questionários aplicados com 200 adeptos de grupos místico-esotéricos do DF.

Em se tratando das alterações ocorridas na vida dos informantes depois de aderirem a algum grupo místico-esotérico, destacam-se as mudanças de tipo psicológico-existencial, compondo 30,1% do total de indicações. Em segundo lugar vêm as alterações mais diretamente associadas aos valores das novas religiosidades e em seguida os valores religiosos tradicionais.

Por sua vez, 56,0% dos informantes afirmam não ter deixado de fazer algo em decorrência de sua participação em algum grupo místico-esotérico. Isto nos leva a pensar a possibilidade de que os significados por eles incorporados não são vivenciados como algo imposto, pertencente à exterioridade,

mas sim enquanto parte de algo desejado e construído pelo indivíduo. No plano da subjetividade parece ocorrer mudanças, cujos reflexos expandem-se até o espaço social ou público, sendo reconhecidos como elementos ou signos de um novo estilo de vida. Esta hipótese é melhor compreendida se considerarmos que cerca de 55,0% dos adeptos freqüentam, sempre ou eventualmente, outros grupos místico-esotéricos. Estes trânsito indica o quanto a busca é individual, o que possibilita a caracterização destes adeptos em termos de um bricolagem ou 'gula esotérica'.⁸

Os dados das tabelas acima indicam ainda que há uma relativa consciência da importância dos problemas sócio-econômicos da sociedade em que se vive na atualidade.⁹ Entretanto, as incorporações de valores, conceitos, visões de mundo que ocorreram a partir da adesão remetem-se sobretudo à dimensão religiosa. Por sua vez, as alterações se deram sobretudo no plano psicológico-existencial-pessoal-comportamental. Parece que realmente as fronteiras entre as Novas Religiosidades investigadas e os processos mais propriamente psicológicos ou terapêuticos vão se diluindo. Bastante instigante é a confirmação do trânsito dos adeptos pelos vários grupos, como pode ser confirmado na tabela a seguir.

Tabela 4 - Média de grupos místico-esotéricos procurados por adeptos, segundo idade e sexo antes, de frequentar o atual

IDADE/SEXO	FEMININO	MASCULINO	TOTAL GLOBAL
	Média	Média	Média
0 — 14	1,5		1,5
15 — 21	2,2	1,9	2,1
22 — 28	3,4	3,1	3,3
29 — 35	2,2	2,9	2,5
36 — 42	2,1	1,3	1,9
43 — 49	5,9	5,0	5,7
Acima de 50	4,1	3,4	3,7
Total Global	3,3	3,0	3,2

Fonte: Questionários aplicados com 200 adeptos de grupos místico-esotéricos do DF.

- ⁸ Consultar Deis Siqueira e Lourdes Bandeira, *Construção de uma nova cosmovisão: os significados das práticas místicas e esotéricas no final do milênio*. Brasília, Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, mimeo (1997).
- ⁹ A pesquisa realizada com estudantes de graduação da UnB (ver neste texto 3ª Frente – estudantes da Universidade de Brasília) indica não um conservadorismo político-ideológico por parte dos alunos mais próximos ou simpatizantes das práticas e crenças místico-esotéricas, mas sim consciência e práticas políticas de nova natureza. A respeito, consultar F. Hollinger, Deis Siqueira e Lourdes Bandeira, *Religião e esoterismo, práticas místico-esotéricas e atitudes políticas entre estudantes*, Relatório de Pesquisa UnB-CNPq, Brasília, 1999.

As médias são significativas, sobretudo para as pessoas com mais idade (5,7 grupos, em média, foram procurados pelas pessoas entre 43 e 49 anos). Destaca-se também que as mulheres, além de serem maioria nas religiões e nas práticas religiosas na atualidade, também são mais “buscadoras” do que os homens. As médias são superiores para elas em quase todos os intervalos de idade.

Além dos informantes transitarem pelos grupos, também se utilizam de práticas alternativas, em todos os intervalos de idade, com grande frequência, como pode ser visto na tabela abaixo. As práticas são: acupuntura, astrologia, mapa astral, biodança, cristais, cromoterapia, fitoterapia, florais, homeopatia, iridologia, massagens terapêuticas, meditação, tai chi chuan, tarot, etc.

Tabela 5 - Média de práticas alternativas realizadas pelos adeptos de grupos místico-esotéricos

MÉDIA DE PRÁTICAS	Feminino	Masculino	Total Global
0 — 14	8,3		8,3
15 — 21	7,4	5,0	6,6
22 — 28	10,6	8,1	9,3
29 — 35	9,7	6,5	8,1
36 — 42	9,7	9,3	9,7
43 — 49	11,4	12,1	11,6
Acima de 50	8,1	6,9	7,6
Total Global	9,5	7,7	8,9

Fonte: Questionários aplicados com 200 adeptos de grupos místico-esotéricos do DF.

Todas as faixas etárias apresentam médias superiores a seis práticas. Considerando a dependência financeira dos jovens de até catorze anos, é significativa a média apresentada por eles de 8,3 práticas alternativas já utilizadas. E novamente as mulheres confirmam sua maior presença enquanto buscadoras de sua religiosidade, de seu auto-desenvolvimento e de seu auto-aperfeiçoamento.

As pessoas entre 43 e 49 anos são as que se destacam no que toca à maior circulação entre os grupos, e o mesmo ocorre com o consumo de práticas alternativas. Trata-se da geração que vivenciou, direta ou indiretamente, vários sonhos: o dourado do capitalismo americano e o desenvolvimentismo brasileiro do pós-guerra, o sonho revolucionário do socialismo, maio de 1968 e o movimento hippie. Parece que depois da queda do muro de Berlim, o sonho que permanece com mais força é o contra-culturalista dos anos 60, ainda que

ressignificado. De qualquer maneira, todos os adeptos, de diferentes idades circulam por vários grupos e buscam muitas práticas alternativas.

2ª FRENTE: *livros de assinatura da TBV*

O Templo da Boa Vontade, TBV, “uma viagem ao terceiro milênio”, é uma pirâmide branca de sete lados encimada por um cristal gigantesco, parte do complexo arquitetônico construído pela Legião da Boa Vontade, LBV, e inaugurado em outubro de 1989. Desde então tem permamanecido aberto ao público ininterruptamente. É definido pela LBV como “um teto sob o qual os Seres Humanos e Espirituais se sintam em paz ... Ela singulariza pioneiramente o ideal de promover o Ecumenismo sem restrições, tendo como supremo objetivo confraternizar pessoas de todas as raças, filosofias, credos religiosos e também ateus e materialistas”. O complexo, situado na quadra 915, Setor de Grandes Áreas Sul (SGAS), final da Asa Sul do Plano Piloto de Brasília, possui, além do Templo, uma biblioteca que é muito utilizada pelos alunos dos colégios de 2º grau da região, uma lanchonete e o Parlamundi, que, na prática, é um grande e extremamente bem aparelhado centro de convenções cujas salas estão disponíveis para a realização de congressos e eventos do gênero. Segundo a SETUR, Secretaria de Turismo do Governo do Distrito Federal, o TBV é o monumento mais visitado em Brasília.



Quanto ao espaço, a pirâmide é oca e há na nave uma mesa com um vaso de vidro que guarda a água fluidificada, além de alguns bancos nas laterais. Há também uma obra de arte que simboliza os quatro elementos da natureza — terra, fogo, ar e água — na qual se pode ler a inscrição “Todo

dia é dia de mudar o seu destino”. No topo há uma estrutura metálica cumprindo a dupla função de clarabóia e suporte do cristal; o piso possui duas espirais, uma clara e outra escura, cujos centros coincidem com o da pirâmide. Normalmente, o visitante percorre lentamente a espiral preta rumo ao centro, meditando ou orando (a escolha é livre: afinal, trata-se de um santuário ecumênico), e volta pela espiral branca, terminando o trajeto em frente à obra de arte já mencionada. Alguns visitantes fazem o percurso descalços, outros, apressadamente. Há também os que, desconfiados, olham o interior do Templo e vão embora.

Ao saírem, os visitantes, se desejarem, podem registrar em livros seus comentários, sugestões e impressões. Estes livros ficam em uma mesa no acesso ao templo e foram nossa fonte de informação. Cada página possui dois carimbos idênticos delimitando uma área que tem campos para que o visitante informe o nome, o local de residência, a atividade profissional exercida e comentários.

O resultado do trabalho de coleta destes dados foi um banco de dados com aproximadamente 8.000 registros. Destes, após uma depuração inicial, foram aproveitados apenas 3.858, pois foram desprezados os registros (um registro é um carimbo do livro) que não possuíam comentários. As observações, transformadas inicialmente em palavras-chaves foram agrupadas em grandes categorias.

Na primeira destas categorias, “sensações psicológicas”, enquadram-se 36,0% dos comentários. As palavras e idéias-chaves que deveriam estar presentes em um comentário para que ele fosse incluído nesta categoria são as seguintes: agradável, saudável, gratificante, paz, confiança, leveza, tranquilidade, calma, harmonia, harmonização, liberdade, liberdade de pensar, libertação, serenidade, positividade, calma, emoção, relaxamento, esperança, solidariedade, fraternidade, desabafar, rever atitudes, alegria, confraternização, humanidade, amizade, encontro, refúgio, reconforto, etc. Os comentários categorizados sob o rótulo “sensações psicológicas” são, portanto, aqueles em que o visitante expressa o que nele foi despertado pelo TBV.

A segunda categoria utilizada diz respeito aos comentários que faziam referências positivas ao espaço. Estes comentários são aqueles em que se declara ser o TBV deslumbrante, sublime, brilhante, resplandecente, uma obra grandiosa, “coisa de primeiro mundo”, de bela arquitetura, contentor de ar puro, obra de arte, bonito, belo etc.

A terceira categoria, a das “sensações místico-religiosas”, classifica os comentários que envolviam as seguintes idéias: irradiação, energia positiva, vibrações, energias cósmicas, forças, emanções de energias universais, iluminação, bênção, luz, pureza espiritual, graça, sagrado, fé, transcendência, cósmico, mágico, paraíso, presença que vem do alto, providência divina, presença de Deus, Jesus Cristo, Criador, Cristo, ecumenismo, Eu interior, Eu superior, evolução espiritual, mergulho no interior, espiritualidade etc. Ou seja, são comentários referindo às forças ou coisas de existência metafísica.

A categoria “comentários proverbiais religiosos” foram agrupadas as observações do tipo: Que Deus ilumine a todos, Jesus te ama, Sua vida está na mão de Deus, Deus está no silêncio da paz, Deus é guia espiritual e congêneres

Enquanto “comentários proverbiais gerais” foram classificados: saudade de quem se foi, amor à vida é importante, amar é viver, a vida é como uma rosa que nasce, crescer e morrer, entre outros.

“Encontros místico-religiosos” é a categoria para os comentários que expressam experiências de encontros, ou de respostas, no ambiente do TBV, que se reproduziram satisfazendo algum tipo de busca; encontro com o Eu, encontro com o Eu interior, com o Mestre, com o ecumenismo irrestrito, com raios de mil belezas, com paz de espírito, com a verdadeira paz espiritual, com a mensagem de Deus etc. Generalizando ainda mais, poderíamos incorporar esta categoria à das “Sensações místico-religiosas”, uma vez que os comentários por ela rotulados também remetem ao místico-religioso-esotérico.

A categoria dos “agradecimentos” engloba tanto os comentários que contém agradecimentos de caráter genérico como: Obrigado Senhor, Obrigado Deus, obrigado por tudo que eu tenho, obrigado por existir, obrigado às pessoas de boa vontade. Quanto aos comentários com agradecimentos específicos: agradecimento à mãe por estar no TBV, por uma viagem bem sucedida, a Zarur, a Paiva Netto, e mesmo à LBV, pela construção do Templo.

Os comentários que continham pedidos foram divididos em duas categorias: “pedidos imanentes” e “pedidos transcendententes”. Os imanentes são os pedidos de proteção para si ou para parentes, de cura, de conservação do TBV, e mesmo que o filho passe no vestibular, ou seja, aqueles relativos à vida mundana dos indivíduos e dos que o cercam. Já os transcendententes designam as demandas de solicitações: pela saúde de todos, pela paz mundial, pela iluminação da humanidade, que a paz do TBV seja sentida em toda a terra, que a paz ilumine o planeta, paz e força, calma e proteção, benção de Jesus, de Deus ou de uma força espiritual.

Tabela 6 - Frequência relativa das categorias utilizadas para a classificação dos comentários feitos pelos visitantes nos livros de registro do TBV (Brasília-DF)

CATEGORIAS	%
Sensações psicológicas	36,0
Referências positivas ao espaço	27,0
Sensações místico-esotéricas	27,0
Comentários proverbiais religiosos	7,0
Agradecimentos	7,0
Encontros místico-religiosos	6,0
Pedidos imanentes	5,0
Comentários proverbiais gerais	5,0
Outros	14,0
Total (3.858 comentários)	100,0%

Fonte: Comentários sobre o TBV - Templo da Boa Vontade, Brasília-DF.

É importante destacar como se estabelecem as correlações entre, por um lado, como o TBV se auto-caracteriza — a partir de um ecumenismo irrestrito, onde cabem todas as religiões, credos, doutrinas, e, por outro, como o mesmo é vivenciado pelos frequentadores e/ou adeptos. Estes tanto podem se comportar como típicos turistas, elogiando o espaço físico, como podem vivenciar a dimensão místico-esotérica ou a dimensão religiosa de tipo mais tradicional. De qualquer forma destaca-se a dimensão psicológica, de bem estar individual no conjunto das anotações. Estes dados tendem a confirmar de a existência de “(...) um público que tendencialmente não aprecia os discursos amplos e complexos, mas antes os ‘efeitos especiais’ de breve duração”. (Pace, 1997:38)

3ª FRENTE: *estudantes da Universidade de Brasília*

Os dados que seguem fazem parte de uma sub-pesquisa *intitulada Religião e esoterismo, práticas místico-esotéricas e atitudes políticas entre estudantes* (Universidade de Brasília — agosto de 1998 a julho de 1999).¹⁰ Foi realizada com 332 estudantes de graduação da Universidade de Brasília (51,0% do sexo masculino e 49,0% do sexo feminino), sendo a maioria jovem — 82,0% dos informantes têm entre 18 e 24 anos de idade. A amostra foi calculada de tal maneira que as diferentes áreas do conhecimento (cursos de formação técnica; ciências naturais, direito; ciências humanas; saúde; letras e artes) fossem incluídas. Estes agrupamentos foram feitos a partir do fato de serem cursos próximos em termos de conteúdo, além de se tomar também como referência os agrupamentos indicados pelos próprios dados sobre o comportamento religioso-esotérico e político dos estudantes.

Os questionários foram distribuídos para os alunos no início de uma aula e auto-preenchidos imediatamente. Assim, quase todos, senão todos os alunos presentes na sala, participaram. Com este procedimento, uma das condições mais importantes para a efetivação de uma amostra representativa foi alcançada. Ou seja, responderam o questionário estudantes muito, pouco ou nada interessados em religião e esoterismo. Não se tratou de uma amostra direcionada. Entretanto, esta não foi calculada a partir do universo ou número total de estudantes existentes nos diferentes cursos da UnB. As religiões declaradas pelos estudantes em comparação com as religiões no DF encontram-se na tabela a seguir.

¹⁰ Faz parte de uma pesquisa internacional que está sendo desenvolvida no Departamento de Sociologia da UnB, juntamente com a Universidade de Graz, a partir da estadia de Franz Hollinger, professor da universidade austríaca, como pesquisador visitante da UnB, com apoio do CNPq.

Tabela 7 - Religiões no DF e entre estudantes da UnB

Religiões	DF & IBGE 1991	Categorias principais da adesão religiosa		
	%		N=	%
Católica	78,2		148	44,6
Evangélico tradicional	3,5	Protestante e		
Neo-pentecostal	6,3	Cristã reformada	38	11,4
Outra religião cristã	1,0			
Espírita	2,8	Espírita	41	12,3
Religião oriental	0,4			
Afro-brasileira	0,7	Outra	14	4,2
Outra	0,3			
Nenhuma	6,3	Nenhuma	91	27,4
Total	100,0		332	100,0

Fontes: IBGE - Censo Demográfico, 1991 e Pesquisa realizada com estudantes da UnB/BSB, 1999.

As religiões sobre-representadas entre os estudantes, em comparação com a população, são o espiritismo (12,3%) e outras religiões tais como as religiões orientais, ainda que as percentagens referidas a estas últimas sejam pouco significativas. A parcela das pessoas que declaram nenhuma religião é claramente maior entre os estudantes (27,4%) do que entre a população do DF (6,3%). Deve-se registrar que quase um terço dos estudantes se declararam sem nenhuma religião.

Em torno de 40,0% dos estudantes aceitam os conceitos orientais de reencarnação e carma. Este percentual, embora menor do que as crenças anteriores, é significativo, num país de forte tradição católica. Este fato pode ser relacionado, por um lado, à forte presença do espiritismo cardecista nas classes médias brasileiras e, por outro, à grande influência das religiões orientais em expansão no Brasil, nas duas últimas décadas.

No que se refere às práticas e crenças esotéricas, a análise fatorial das práticas esotéricas demonstrou a existência de dois fatores, ou seja, dois grupos de práticas que foram indicadas pelos informantes conjuntamente. O primeiro grupo inclui as práticas esotéricas que, em sua maioria, estão ancoradas no corpo: medicina alternativa, meditação, massagem, acupuntura, etc. O segundo grupo, composto por cartomancia, mapa astral, tarot, I Ching, astrologia e etc., tem um caráter mais místico, estando ancorado mais no espírito e na mente do que no corpo. Ainda que os dados tenham sido agrupados a partir destes dois fatores (práticas corporais e práticas esotérico-espirituais), há uma correlação positiva entre todas as práticas consideradas pela pesquisa. Ou seja, pessoas que praticam meditação e/ou medicina alternativa tendem a praticar também cartomancia, tarot etc. Os dados confirmam o típico padrão

de bricolagem referido acima para os adeptos de grupos místico-esotéricos, onde o sujeito compõe seu processo de auto-conhecimento a partir de um forte experimentalismo e pela circulação nos diferentes grupos. Isso é devido ao acesso à rede informal e organizadora das várias 'comunidades' esotéricas, de caráter livre e voluntário.

Destaque-se que no primeiro grupo de práticas, centradas no corpo, a medicina alternativa é a mais forte, com 64,%, seguida pela meditação, com 41,%, pela massagem, com 27,%, e pelas práticas orientais com 23,%. As demais, psicoterapia e acupuntura correspondem a menos de 20,%. O curandeirismo, que intersecciona estas práticas e as demais, de caráter mais místico, representa a menor percentagem, com 12,%.

O segundo grupo remete-se mais diretamente à dimensão do imaginário, sendo que a maioria das práticas esotéricas se relacionam às adivinhações e à interpretação da própria personalidade através de símbolos. As percentagens também são instigantes: horóscopo, 66,0%; prestar atenção na lua, 44,0% e interpretação dos sonhos, 43,0%. As demais práticas, tarot, mapa astral e cartomancia localizam-se entre 25,0% e 30,0%. Neste segundo grupo encontram-se as atividades místicas que estão aparentemente mais próximas à magia.

Todas essas práticas de tipo *New Age* passam tanto pela redescoberta da cultura do narcisismo, tão bem enfatizada por Lasch (1985), quanto pela capacidade de se tornarem mercadorias e de estimularem um padrão de consumo relevante, a exemplo do que Berger denominaria de um 'supermercado esotérico'. No caso específico de Brasília, a realização semestral da Feira Mística, desde 1990, demonstra a dimensão mercadológica deste tipo de produtos e de práticas .

Os dados sobre esoterismo são complementados pelas informações contidas na tabela que se segue. Como pode ser observado, cerca de um terço dos estudantes já leu um ou mais livros sobre medicina alternativa, religiões orientais e astrologia. Ainda que estas percentagens não sejam muito altas, indicam interesse por parte dos estudantes sobre assuntos dessa natureza.

Cabe considerar ainda dois outros elementos: primeiro, que a partir dos anos oitenta surgiu uma imensa produção literária sobre esses fenômenos, o que os tornou mais acessíveis e consumíveis; segundo, tomando em consideração as pesquisas que demonstram os baixos índices de leitura dos estudantes brasileiros, em geral, pode-se considerar alto o percentual (em torno de 30,0%) dos que lêem sobre esoterismo. Certamente há mais estudantes que leram os livros de Paulo Coelho do que leitores de Marx ou Maquiavel.

Tabela 8 - Leitura sobre esoterismo e espiritualidade

Áreas	Vários livros	Um livro	Nenhum	Total	n=
Medicina alternativa	13%	24%	63%	100%	332
Religiões orientais	13%	22%	65%	100%	332
Astrologia	10%	22%	68%	100%	332
Religiões nativas	4%	5%	91%	100%	332

Fonte: Pesquisa realizada com estudantes da UnB/BSB, 1999.

Analisando as relações entre religiosidade e esoterismo, pode-se observar inicialmente as relações existentes entre adesão religiosa e esoterismo. Na tabela 9 a amostra foi dividida em 03 grupos, tomando-se como referencial a frequência das práticas e das crenças esotéricas. Assim, as 07 práticas esotéricas, as 06 práticas corporais e as 09 crenças mágicas foram divididas em três intervalos: pessoas que não fizeram nenhuma prática; pessoas que fizeram uma ou duas práticas e pessoas que fizeram três ou mais. No caso das crenças mágicas, o último intervalo corresponde a pessoas que acreditam em quatro ou mais crenças.

Tabela 9 - Adesão religiosa e esoterismo

		Católica	Protestante	Espírita	Outra	Nenhuma	N = 332
		N = 148	N = 38	N = 41	N = 14	N = 91	N = 332
Práticas corporais	Nenhuma	24,3%	28,9%	4,9%	7,1%	19,8%	20,5%
	1-2	52,7%	52,6%	48,8%	28,6%	49,5%	50,3%
	3 ou mais	23,0%	18,4%	46,3%	64,3%	30,8%	29,2%
	Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Práticas esotéricas	Nenhuma	20,9%	47,4%	7,3%	14,3%	20,9%	22,0%
	1-2	37,2%	36,8%	24,4%	21,4%	31,9%	33,4%
	3 ou mais	41,9%	15,8%	68,3%	64,3%	47,3%	44,6%
	Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Crenças mágicas	Nenhuma	16,9%	31,6%			22,0%	17,2%
	1-3	45,9%	57,9%	7,3%	21,4%	35,2%	38,6%
	4 ou mais	37,2%	10,5%	92,7%	78,6%	42,9%	44,3%
	Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa realizada com estudantes da UnB/BSB, 1999.

Pode-se observar, no que toca às práticas corporais e esotéricas e às crenças mágicas, que cerca de 20,0% não se utilizaram de nenhuma delas. Se por um lado, estes podem ser considerados como distanciados das práticas e crenças, por outro, destaca-se que cerca de 30,0% já experimentou várias (03 ou mais) práticas corporais; 45,0% já vivenciou 03 ou mais práticas esotéricas e a mesma percentagem acredita em 04 ou mais das 09 crenças mágicas indicadas. Assim, confirma-se o quanto as práticas corporais e esotéricas, bem como as crenças mágicas, estão presentes entre os estudantes universitários.

Esta presença é nitidamente mais forte entre aqueles que declararam ser espíritas ou professarem outras religiões (orientais, afro-brasileiras etc). Os católicos e os que declararam não ter religião apresentam padrões próximos com respeito às práticas e às crenças esotéricas. Por sua vez, os protestantes localizam-se, claramente, no lugar de menor consumo de práticas e de credulidade nas crenças mágicas.

Ou seja, as afirmações de Velho (1977-a: 24), comentando observações de Campbell (1977), parecem plenas de sentido:

as mudanças que têm se dado ultimamente não se restringem a questões e grupos periféricos, como pareceria ser o caso dos chamados “novos movimentos religiosos”. Dão-se no cerne mesmo do pensamento de grande parte da população e portanto (suponho eu) inclusive entre os adeptos das religiões ocidentais históricas, apesar da tendência genericamente observada por Campbell para o seu declínio.

Afirmações que são também confirmadas pelos dados relativos à VI Feira Mística de Brasília.

4ª FRENTE: *Feira Mística de Brasília*

Foram aplicados 210 questionários a visitantes da VI Feira Mística de Brasília (1997). Os dados aí obtidos indicam que o motivo para a visitação, apontado pela maioria dos visitantes, foi o “interesse por assuntos místicos” (43,3%). Entretanto, 35,0% dos informantes declararam não frequentar nenhuma religião ou grupos místico-esotéricos. Destes, 20,0% declararam estar na busca de uma religião que “preencha sua busca interior”. Dos 65,0% restantes, que declararam possuir uma religião, 58,1% são católicos, 35,9% são espíritas e 6,9% pertencem a outras tendências religiosas.

Apesar da grande oferta de religiões, religiosidades, etc., existentes na capital, quase 60,0% dos visitantes são católicos e quase 40,0% são espíritas, ou seja, membros de religiões tradicionais. Os adeptos dos grupos místico-esotéricos não são frequentadores típicos da Feira Mística, ainda que sejam

grandes consumidores de produtos, práticas, terapias alternativas, do tipo *New Age*. Assim, além do grande número de grupos místico-esotéricos e de adeptos existentes na capital, parece haver uma busca ou ao menos uma simpatia pelo místico-esotérico e pelas práticas alternativas em geral por parte da população da cidade e região em geral. Observe-se inclusive que do total de informantes que afirmou não frequentar grupos ou religiões, 10,0% afirmaram não gostar de religião e outra parcela equivalente declarou que apesar de não posuir uma religião, considera-se religiosa ou acredita em Deus.

No que toca à afirmação acima sobre a população em geral, esta é confirmada pelo fato de a amostra indicar uma grande variedade de profissões: bancários, militares, donas-de-casa e sobretudo estudantes (cerca de 26,0%). Os aposentados compuseram apenas 4,4% dos visitantes. A disponibilidade dos jovens também é confirmada pela frequência ao TBV: quase a metade dos frequentadores do Templo têm até 24 anos e apenas 11,5% do total de visitantes têm mais de 56 anos de idade, sendo que apenas 7,2% declararam-se aposentados.

PSICOLOGIZAÇÃO?

Em Psicologia da Saúde, *enfrentamento* parece ser um conceito central. Traduzido do inglês *coping*, refere-se ao processo pelo qual as pessoas tratam de compreender e lidar com importantes exigências pessoais ou situacionais em suas vidas.¹¹

Apoiado por várias fontes bibliográficas, Paiva (1998) indica que a religião pode integrar processos de enfrentamento, sugerindo inclusive, no final do texto que do ponto de vista dos valores e atitudes, a correlação positiva entre religião e saúde, por parte dos enfermos com Aids por eles pesquisados, justificaria a introdução do enfrentamento religioso/espiritual nos programas de prevenção e intervenção dirigidos a populações específicas, possibilitando a avaliação de sua eficácia. Segundo este autor (PAIVA;1998: 29),

A religião, ademais, pode gerar um repertório de novas atividades de enfrentamento, no campo das relações pessoais, da espiritualidade, da cognição, da emoção e do comportamento individual ou social. [Afinal, segundo Pargament (1990:205), citado por Paiva (1998:30)], (...) parte do poder singular da religião pode residir em sua capacidade de responder a tão numerosas necessidades de maneiras tão diversas.

¹¹ Consultar J. G. de Paiva, AIDS, "Psicologia e religião: o estado da questão na literatura psicológica" in *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol. 14, nº 01, Silva Neto N. A. (ed.), Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, jan-abril de 1998.

Religião foi pensada com ênfases diferenciadas pelos clássicos. Durkheim destacou as determinações do social; Weber, sua orientação para *este mundo*. Marx leu-a sobretudo como alienação, ou ópio do povo; Freud também sublinha seu lado ilusório, remetendo-se às realizações de antigos desejos dos homens. Apesar destas diferenças, religião implica, normalmente, a existência de mediações entre as pessoas e os seres divinizados ou deidades e a existência do sagrado: ligação com os antepassados, com o mistério, redenção, propósito divino.

Por sua vez, misticismo pode ser definido como a atitude humana que visa a união das pessoas com as forças sagradas, transcendentais, o 'mistério fascinante'. O sagrado é composto tanto pela dimensão racional (reduzível a categoria humanas, tais como bondade e sabedoria de Deus) quanto pela dimensão irracional (resistente a qualquer redução racional). E esoterismo remete a ensinamentos sobre a verdade religiosa reservados a poucos iniciados. Conhecimento direto da verdade, é acessível aos moral e intelectualmente preparados e adquirível através do estudo de alegorias e símbolos, meditação, intuição e cumprimento de instruções. Tem-se generalizado a aplicação deste termos aos estudos preparatórios para o esoterismo... Opõe-se a exoterismo.¹² Este último é caracterizado pelo ensino de conhecimentos prováveis e verossímeis, de forma acessível, a um público aberto. Psicologia é a ciência dos fenômenos psíquicos e comportamentais. A psicologia clínica é o ramo que estuda o comportamento do indivíduo (ou do grupo) por meio de técnicas apropriadas, visando compreendê-lo e resolver seus conflitos.

O que nos informam os dados aqui expostos? Como orquestrar estes conceitos?

Por um lado, a partir das informações coletadas sobretudo com os adeptos de grupos místico-esotéricos, delinea-se uma situação típica de privatização da fé, de sujeitos experimentadores por excelência. Nesta experimentação transita-se pelos grupos religiosos, pelas religiões, por significados, valores, visões de mundo, símbolos, e também pelas práticas alternativas. Afinal o objetivo fundamental é imanente, centrado no auto-aperfeiçoamento e no auto-desenvolvimento. Práticas de tipo mais religiosas combinam-se com práticas mais propriamente voltadas ao bem estar físico e espiritual, de cura, de relaxamento. São todos caminhos de auto-deificação, de encontro com o divino que está dentro de todos e em cada um. Tudo isso nos indica a tentativa de construção e de vivência de um 'novo estilo de vida'.

¹² Consultar H. Schlesinger e H. Porto, *Dicionário enciclopédico das religiões*. Petrópolis: Vozes. 1995

Por outro lado, mas de maneira complementar, as mudanças de visões de mundo, numa direção orientalizante (unidade homem-natureza, espiritual-físico, mente-corpo, holismo-unicidade em lugar de polaridades; energia, carma) que têm ocorrido ultimamente, tal como apontadas por Campbell (1997), parecem não se restringir a grupos periféricos, ou somente aos Novos Movimentos Religiosos, mas referem-se a boa parte da população. Particularmente os dados levantados com frequentadores da Feira Mística de Brasília e com estudantes da UnB confirmam a suposição de Velho (1997-a), segundo a qual estas mudanças estariam se dando mesmo entre os membros de religiões ocidentais históricas. Há ainda, compondo esta ‘nebulosa místico-esotéricas’, aqueles que fundamentalmente consomem práticas alternativas, no sentido de consumir o melhor para sua saúde, seu corpo. Aqui se concretiza a certeza da socialização dos ‘novos valores’, ainda que de maneira bastante difusa.

As fronteiras entre esotérico e exotérico, entre religião e misticismo, entre religião e psicologia, entre outras, diluem-se, de fato tendendo a romper com as dualidades tão duramente criticadas pelos adeptos dos grupos místico-esotéricos e certamente pela maioria dos consumidores de práticas alternativas.

Segundo Berger (1985:75)

toda a individualidade se desvanece e é absorvida pelo oceano da divindade (...) Os padecimentos é a morte do indivíduo se tornam insignificantes trivialidades, fundamentalmente irreais comparados com a esmagadora realidade da experiência mística da união.

O autor afirma o masoquismo como constituinte de quase todas as variedades de misticismo, devido à aniquilação do eu e sua absorção pelo divino máximo. Parece que também há que se redimensionar tal definição. Ainda que a experiência mística para os novos buscadores aqui tratados remeta-se à aniquilação do eu, trata-se do eu *persona*, mais determinado pelo social. O divino que se deseja encontrar estaria mais na intimidade perdida do próprio indivíduo e não fora dele, apenas ofuscado pelo eu *persona*. Em lugar de mediação entre os homens e os entes divinos, auto-desenvolvimento.

Parece que o conceito de religiosidade melhor se adequa ao que estamos estudando, pois se remete muito mais “(...) a modos de ser, estilos, relações, sentimentos e visões de mundo do indivíduo religioso e todo seu entorno de coisas e significados” (ESPINHEIRA; 1995:69) do que aos mediadores entre as pessoas e os entes divinos.

Finalmente, há que se redimensionar a centralidade da noção do indivíduo nestes últimos tempos. Não se pode reduzir a questão à exacerbação do individualismo, como fazem muitos estudiosos, além de Hellas (1996). Se, por um lado, o social, o coletivo, o Outro, tendem a secundarizarem-se, há no

trânsito e na condição de sujeito experimentador uma experiência religiosa libertária. Ademais, é possível que esta relação indivíduo-social se refaça em novas bases, a partir de práticas políticas, diferenciadas das até aqui conhecidas. Mas esta é outra história, a ser refletida em outra jornada.

ABSTRACT

The research "Sociology of the Adhesions: mystic and esoteric practices in Brasília" confirms what was stated by Berger at the end of the sixties about the "psychologization" of religion. This article develops this hypothesis based on several sources and collected data about the new religious movements. These movements are, more and more, centralized around the search for self knowledge, self development or self enhancing of the person, since they are based on the idea that holiness can be found in the individual. This kind of search, in its turn, leads to the building of a new life-style which supposes the consumption of a great variety of alternative or non conventional practices.

RÉSUMÉ

La recherche "Sociologia das Adesões: práticas místicas e esotéricas no Distrito Federal" que se développe au Département de Sociologie de l'UnB confirme ce qui Berger avait annoncé à la fin des années 60: la "psychologisation" de la religion. Cette réflexion est développée dans le texte à partir de plusieurs sources de données recueillies sur les nouvelles religiosités ou nouveaux mouvements religieux (NMR). Cette recherche s'insère dans la construction d'un nouveau style de vie, ce qui implique la croissance de la consommation d'une grande diversité de pratiques non conventionnelles.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Bellah, Robert N. (1986). "A nova consciência religiosa e a crise na modernidade" in *Religião e Sociedade*, 13/2, pp. 18-37.
- Berger, P. (1985). *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas.
- _____. (1992). *A far glory. The quest for faith in na age of credulity*. New York: The Free Press, MacMillan.
- Carvalho, J. Jorge (1992). "Características do Fenômeno Religioso na Sociedade Contemporânea" in Bingemer, Maria Clara (org), *O impacto da modernidade sobre a religião*, 133-195. São Paulo: Edições Loyola.
- Campbell, C. (1997). "A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio" in *Religião e Sociedade*, 18/1. Rio de Janeiro: ISER, agosto.
- Champion, F. (1990). "La nébuleuse mystique-ésotérique. Orientations psycho -religieuses des courants mystiques et ésotériques contemporaines" in Champion, F. e D. Hervieu-Léger (org.) *De l'émotion en religion. Renouveau et traditions*. Paris: Centurion.
- _____. (1993). "La croyance en l'alliance de la science et de la religion dans le nouveaux courants mystiques et ésotériques" in *Archives de Sciences Sociales des Religions* 82, Paris.
- _____. (1993-a). "Religieux flottant, éclecticisme et syncrétismes" in Delumeau, J. (org). *Le fait religieux*. Paris: Fayard.
- Da Costa, N. (1997). "A situação religiosa no Uruguai" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Ehade, M. (1989). *Origens*. Lisboa: Edições. 70.
- _____. (1991). *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Espinheira, G. (1995). "A ascensão do individualismo e o declínio das religiões ou o mal-estar na racionalidade" in *Cadernos do Ceas*, nº 160. Salvador: CEAS, nov/dez.
- Frigerio, A. (1997). "Estabelecendo pontes: articulação de significados e acomodação social em movimentos religiosos no Cone-Sul" *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Heelas, P. (1996). *The New Age Movement. The Celebration of the Self and the Sacralization of Modernity*. Oxford: Basil Blackwell,.
- Hervieu-Léger, D. (1993). *La religion pour mémoire*. Paris: CERF.
- _____. (1990). "Les manifestations contemporaines du christianisme et la modernité" in Moro, T. *Christianisme et modernité*. Paris: Cerf.
- _____. (1993). "Present-Day Emotional Emotional Renewals: The End of Secularization or the End of Religion?" in W. Swatos (ed). *A Future for Religion? New Paradigms for Social Analysis*. Londres: Sage.
- Hollinger, F., Siqueira, D. e Bandeira, L. (1999). *Religião e esoterismo, práticas místico-esotéricas e atitudes políticas entre estudantes*. Relatório de Pesquisa UnB-CNPq, Brasília.
- Hugarte, R. P. (1997). "Transnacionalização da religião no Cone Sul: o caso do Uruguai" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Isambert, F. (1971). "La secularisation interne de l'Eglise" in *Revue Française de Sociologie*, 4.

- Kepel, G. (1992). *A revanche dos Deuses*. São Paulo: Sicaliano.
- Luž, D. (1979). *Roteiro mágico de Brasília*. Brasília: Codeplan.
- Magnani, J. G. C. (1996). "O neo-esoterismo na cidade" in *Dossiê Magia, Revista da USP*, nº 31. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Maitre, J. (1988). "Les deux côtés du miroir. Note sur l'évolution religieuse actuelle de la population française par rapport au catholicisme" in *L'Année Sociologique*. Paris, 3^e, vol. 38.
- Mallimaci, F. (1997). "A situação religiosa na Argentina urbana do fim do milênio" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Mardones, J. M. (1994). *Para comprender las nuevas formas de la religión. La reconfiguración postcristiana de la religión*. Estella/Navarra, Ed. Verbo Divino.
- Noth, W. (1996). "Semiótica da Magia" in *Dossiê Magia, Revista da USP*, nº 31. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Oro, A. P. (1997). "Religião e política nos países do Cone-sul" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Pace, E. (1997). "Religião e Globalização" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Paiva, J. G. de (1998). "AIDS, Psicologia e Religião: o estado da questão na literatura psicológica" in *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol. 14, nº 01, Silva, Neto N. A. (ed.). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, jan-abril.
- Pargament, K. I. (1990). "Religious methods of coping: resources for the conservation and transformation if significant" in E. P. Shafranske (org.), *Religion and the clinical practice of psychology*. Washington: DC.APA Books.
- Parker, C. (1997). "Globalização e religião: o caso chileno" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Pierucci, A. F. (1997). "Interesses religiosos dos sociólogos da religião" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- _____. (1998). "Secularização em Max Weber. Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, nº 37. São Paulo: ANPOCS, junho.
- _____. (1996). "Liberdade de cultos na sociedade de serviços" in Pierucci, A. F. & Prandi, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- Prandi, R. (1997). "Interesses religiosos dos sociólogos da religião" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- _____. (1997). "A religião no planeta global" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Sanchis, P. (1997). "O campo religioso contemporâneo no Brasil" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- Schlesinger, H. & Porto, H. (1995). *Dicionário Enciclopédico das Religiões*. Petrópolis: Vozes.
- Siqueira, D. (1999) "Práticas místicas e esotéricas na capital do Brasil: a construção do sujeito-objeto de investigação" in *Série Sociológica*, nº 158. Brasília: Universidade de Brasília.
- _____. (1999-a): *Fusão religiosa brasileira e multiculturalismo*. Brasília: Departamento de Sociologia, mimeo.
- _____. (1997) *A construção de uma nova cosmologia: os significados das práticas*

- místico-esotéricas no final do milênio*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, (mimeo).
- _____. (1998). "Misticismo no Planalto Central: a Chapada dos Veadeiros, 'chakra cardíaco do planeta'" in *Tristes Cerrados. Sociedade e Biodiversidade*. Brasília: Ed. Paralelo 15.
- Siqueira, D. e Bandeira, L. (1997): "O profano e o sagrado na construção da 'Terra Prometida'" in Nunes, B. P. (org.), *Brasília: a construção do cotidiano*. Brasília: Ed. Paralelo 15.
- Siqueira, D., Bandeira, L., Ribeiro, P. e Osorio, R, "Carisma e Narcisismo: uma leitura das lideranças nas novas religiosidades", *Seminário Max Weber na UnB*. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, setembro de 1997.
- Soares, L. E. (1994). *O rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Soneira, A. J. (1997). "A situação religiosa nos países do Cone Sul" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis, Ed. Vozes.
- Velho, O. V. (1997). "Globalização. Antropologia e religião" in *Globalização e religião*. Oro, Ari Pedro & Steil, Carlos Alberto (org.). Petrópolis: Ed. Vozes.
- _____. (1997). "A orientalização do Ocidente: comentários a um texto de Colin Campbell", in *Religião e Sociedade*, 18/1, Rio de Janeiro: ISER, agosto.